

cadernos **de estudos** *leirîenses*

8

LEIRIA
MAIO DE 2016



O bairro mineiro de Alcanadas (Batalha): uma quimera filantrópica?

José Manuel Brandão*

António Borges Abel**

Gonçalo Conceição Matos***

"Primitiva ou complicada, a existência do Homem não pode prescindir da cabana, gruta ou casa que lhe sirva de abrigo, garantindo-lhe, pelo menos, relativa tranquilidade e repouso retemperador".

Raul Lino (1933, p. 9)

Introdução

Por conveniências políticas, paternalismo ou, mais raramente, por genuína preocupação com as condições de vida dos operários, muitas indústrias, de que a mineira é caso exemplar, construíram bairros destinados aos operários que nelas trabalhavam. As empresas ganhavam assim em diferentes tabuleiros, nomeadamente na rentabilidade do trabalho e no controlo da “paz social”, absolutamente necessária à prossecução das metas de produção. Além disso, a habitação social, quase sempre associada a uma pequena horta familiar, funcionava também, de certa forma, como compensação pelos magros salários pagos, tornando, os trabalhadores reféns desse (aparente) magnânimo procedimento.

* Investigador, Instituto de História Contemporânea_CEHFCi-UE.

** Arquitecto, Professor Auxiliar na Universidade de Évora, membro do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e colaborador do Centro de Investigação em Território, Arquitetura e Design da Universidade Lusíada.

*** Finalista do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade de Évora.

No caso particular da indústria mineira, um fator mais se poderia aduzir, com respeito à construção de bairros operários: o de que as ocorrências minerais com interesse económico, se localizam, com muita frequência, longe dos aglomerados urbanos existentes, nos lugares em que a conjugação de condições geológicas favoráveis, determinou a sua concentração. A sua exploração implica, pois, a deslocação de recursos materiais e humanos, por vezes de longas distâncias, que não se coadunam com os movimentos pendulares, quotidianos, que se verificam nas cinturas industriais das grandes urbes, onde se concentram outros tipos de atividades. Tal significa a criação local, não só de todas as infraestruturas necessárias ao desenvolvimento dos propósitos da mineração, como também, a criação de condições para fixação dos trabalhadores. Garante-se assim um certo nível de autossuficiência destas comunidades, reduzindo-se a comunicação com o exterior à entrada dos materiais e produtos necessários à lavra e processamento dos minérios, ao abastecimento de víveres e, em sentido inverso, à exportação dos produtos da safra e aos cuidados de saúde que não pudessem ser garantidos no sistema.

Em Portugal são vários os exemplos de bairros mineiros com alguma envergadura, como é o caso dos de Ervedosa e Passal que cresceram em torno da mina de carvão de S. Pedro da Cova, Gondomar, construídos a partir de 1920 (VIEIRA, 2007, p. 146), ou o da Barroca Grande no Couto Mineiro da Panasqueira, Fundão, erigido a partir da 1.^a Guerra Mundial, com um grande aumento de construção nos anos trinta - quarenta (LEAL, 1945, pp 114-116), dotado de todas as infraestruturas comunitárias, ou ainda os das minas na Faixa Piritosa Ibérica: S. Domingos, Mértola, que começa a desenvolver-se ainda no século XIX, Aljustrel e Lousal, Grândola, construídos entre os anos quarenta e sessenta do século XX. O exemplo replicou-se noutras explorações mineiras, na proporção dos investimentos, optando-se por construções provisórias ou pesadas, em função das expectativas criadas em torno das explorações ou da própria natureza dos trabalhos a realizar.

Estão neste último caso os pequenos bairros instalados pelas empresas que se estabeleceram no vale do rio Lena para explorar os jazigos da *Bacia Carbonífera do Lena*, uma série de ocorrências de lignite que se estendiam num alinhamento Norte – Sul, pelos concelhos de Batalha e Porto de Mós, provisórios, com construções de madeira cobertas a telha, como o que foi construído em Cabeça Veada, ou envolvendo construções de pedra, como o erigido na Bezerra, entretanto demolido (BRANDÃO e SOUSA, 2015, p. 213). Nenhum destes se comparava, em dimensão e equipamentos, aos que a

Empresa Mineira do Lena (EML) projetou para Alcanadas no princípio da década de quarenta, com o qual se pretendia melhorar as condições de vida dos operários (BRANDÃO, 2015a, p. 353), afirmando um desenho de carácter mais permanente, o que indicava a vontade da empresa de continuar os trabalhos de exploração e implementar a inserção permanente de algumas famílias na localidade de Alcanadas.

Raros são os habitantes da povoação que se lembram de alguma vez ter sido anunciado, muito menos iniciado (!), o sonho dos que ali viviam nas piores condições, tão rapidamente que foi apagado das prioridades da empresa: casas onde pudessem alojar as famílias em condições razoáveis de espaço e salubridade. É esse sonho que o presente texto revisita, resgatando aos arquivos oficiais algumas peças inéditas, que abrem uma fresta entre o que seria parte da ação cívica e humanitária da empresa e os seus objetivos (escondidos) de produtividade das minas.

A habitação operária

Se bem que a questão da habitação operária tenha sido objeto de reflexão para diversos pensadores sociais e políticos antes de Frederick Engels, pensadores dos quais poderíamos, genericamente, referenciar como precursor J. J. Rousseau, já antes, mesmo que não especificamente sobre o tema, Thomas More, no séc. XVI, no seu livro “Utopia” - descrição de uma sociedade igualitária que se desenvolveria numa ilha ideal, algures -, nem aborda o tema, convencido que, na sociedade que preconizava, o acesso a todos os bens produzidos pela sociedade, a habitação incluída, seria universal.

Na esteira dos benefícios e malefícios da Revolução Industrial, a questão do alojamento, parafraseando Engels, adquire uma posição central nas preocupações, quer de reformistas – Proudhon –, quer de revolucionários – Cabet, Engels, Marx, etc. –, embora para estes últimos o foco se tenha deslocado da habitação para a estrutura da sociedade: o capitalismo.

Porém, há que destacar algumas tentativas concretas de resolução aparente do problema e, neste sentido, cabe um lugar de destaque para Robert Owen, antigo operário, que aplica em New Larnak, na Escócia (CHOAY, 1965, p. 89), as suas teorias sobre as reformas sociais que preconizava. Na mesma época, Charles Fourier dedica a sua vida à difusão dos seus ideais reformistas preconizando como base uma unidade coletiva de habitação, a Comuna-

tipo ou Falanstério, dotada de todos os serviços necessários para 1600 pessoas (idem, p. 95). Um pouco mais tarde, em Guise, França, Jean-Baptiste Godin, movido por um profundo espírito filantrópico, funda, às suas custas, o “Palácio Social” ou Familistério (idem, p.142), ainda existente, com uma organização muito semelhante à do Falanstério de Fourier, mas sem a componente de unidades de produção, que estariam localizadas separadamente.

As descrições acima, se bem que não sejam únicas, não esgotaram as preocupações e discussões sobre a questão, tanto mais que a Comuna de Paris (1848) é entendida como o rastilho que pode incendiar a Europa, especialmente para a burguesia as condições “morais” decorrentes das miseráveis condições de habitação operária e que, no entender daquela, poderiam constituir o lastro para a revolução política que tanto temiam.

É especialmente a partir de meados do século XIX que se intensificam as investigações, análises e discussões sobre a habitação para as “classes laboriosas” e se iniciam realizações que, em última análise, têm por objetivo o controle das classes trabalhadoras ou o seu afastamento dos centros de poder ou das áreas urbanas da burguesia, como são o caso das realizações haussmanianas em Paris ou, mais tarde, a Ciudad Lineal, em Madrid.

Em Inglaterra, depois de diversas tomadas de posição, umas mais técnicas, no âmbito da saúde pública, outras mais políticas e conservadoras, no âmbito religioso e moralista, surge o movimento Garden-Cities, lançado e liderado por Ebenezer Howard que conquista apoios junto de alguns pensadores e, especialmente, junto de investidores, líderes sociais e franjas da aristocracia operária. É a partir da difusão dos ideais de Howard que se levam à prática algumas realizações de cidades-jardim – p.e., Letchworth e New Hempstead -, em perfeita harmonia com a posição anti urbana daquele e demonstrando as intenções dos seus promotores (GRAVAGNUOLO, 1998, pp. 119 e seguintes). Mais tarde, estas mesmas ideias moralistas e higienistas também encontrarão eco, ainda que o desenho urbano se vá alterando, quer na Seidlungpolitik da Alemanha anterior ao Nacional-Socialismo, quer na ideologia de “retorno à terra” do III Reich.¹ Exceção a esta regra europeia é a “Viena Vermelha” (1920-1933) com a opção pelas Höfe, das quais a mais conhecida, ainda hoje, será a Karl Marx Höf.

Porém, o movimento de construção de “bairros filantrópicos” pelas empresas (bairro Grandella, em Benfica, à época fora da cidade de Lisboa, Vila

¹ Esta política será, também, partilhada pela Itália do período fascista, pelas colónias rurais da Espanha franquista e pelos suburbanos bairros portugueses para as “classes carenciadas”.

Operária Estrela de Ouro, na Graça, Vila Cabrinha, em Alcântara, etc.), em nada se assemelha aos ideais Garden-Cities, Seidlungs ou Höfs, já que estas últimas são, na maior parte das vezes, realizações de cooperativas constituídas para o efeito ou iniciativas do próprio Estado.

Em especial os bairros mineiros, têm por objetivos a rentabilização da mão-de-obra operária, com a promessa – concretização, por vezes – de habitação condigna e, ao mesmo tempo, o controle de situações de mal-estar laboral (se o operário perder o trabalho perde, simultaneamente, a casa) e de controlo moral², pressupondo, num quadro idílico em que “... el marido, probó trabajador, que llega cansado de la faena diaria y encuentra las cariñosas atenciones de su mujer, esposa y madre..., y el afecto de sus hijuelos limpios y bien educados en una casa sencilla, pero agradable... el hombre no irá gastar su tiempo libre y su dinero a la taberna...”³

A exploração das lignites do Lena

À medida que o mar jurássico ia recuando para Sul, no grande golfo do Lusitaniano, uma região paleogeográfica do interior da margem continental atlântica, bordada a leste pelo maciço Ibérico, o regime de sedimentação em águas profundas, de plataforma externa, responsável pela enorme espessura de depósitos carbonatados que viriam a formar o Maciço Calcário Estremenho, no decurso da compressão tectónica alpina, cedia lugar à formação de uma vasta área de planície litoral com esteiros fluviais, lagunas e canais de maré, propícios à acumulação e concentração diagenética de restos da luxuriante vegetação de então.

A progressiva cobertura por sedimentos e afundimento desses materiais, e a sua lenta incarbonização em condições anaeróbicas, deu origem, numa vasta área compreendida, sensivelmente, entre Caldas da Rainha e Leiria, à formação de diversos níveis lignitosos, intercalados em rochas carbonatadas e argilosas, alguns dos quais, pela sua dimensão e/ou qualidade, possibilitaram a instalação de explorações mineiras com algum impacto económico. Entre estas contam-se, sobretudo, as que exploraram os jazigos

² “El deber que las clases pudientes tenían para con los desfavorecidos, tratado como filantropia agnóstica, como caridad cristiana o como interés empresarial, convergia en la mejora de sus condiciones de vida y en su moralización” (CASTRILLO, parte III, p. 306).

³ Ibidem, p. 413, citando E. M. Repullés.

de Valverde (Alcanede), Cabeça Veada, Horta, Vale de Bragadas e Bezerra (Porto de Mós) e, mais a Norte, os jazigos compreendidos na concessão de Alcanadas e Chão Preto (Batalha), delimitada em 1855. Embora nesta última se tenham feito, desde então, trabalhos de pesquisas, estes pautaram-se pela intermitência, ditada, sobretudo, pela má qualidade daqueles carvões, e pelo custo do seu transporte aos centros de consumo, condições impeditivas de uma franca competição com os carvões importados. Estas minas, porém, só ganharam expressão durante a I Guerra Mundial, quando a penúria de combustíveis sólidos se fez sentir de forma dramática no país, ameaçando paralisar indústrias e a rede de transportes ferroviários, obrigando a reabrir as minas onde tinha havido trabalhos anteriores, como era o caso de Alcanadas.

Terminada a I Grande Guerra, tendo em vista a potenciação dos investimentos feitos, constitui-se a *Sociedade Mineira do Lena*, a qual tentou incrementar, sem grande sucesso, os trabalhos da região, negócio que passa, em 1926, para a *The Match and Tobacco Timber Supply Co.*, empresa de capitais maioritariamente franceses, que se propôs desenvolver, para além da exploração das minas, um diversificado leque de atividades de que sobressaíam, o transporte ferroviário de passageiros e mercadorias entre as linhas do Oeste e Norte, através da Serra de Aire (BRANDÃO, 2015b, p. 120), e a construção de uma central termoelétrica, destinada a fornecer eletricidade às minas e a clientes externos, para iluminação pública e particular e força motriz.

A existência de carvão de melhor qualidade noutras minas da região, concessionadas à *The Match...*, o qual era consumido, quase exclusivamente, pela *Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses* e pela *Empresa de Cimentos de Leiria*, levou a que, durante anos, em Alcanadas, apenas se procedesse a estudos e trabalhos de traçagem do jazigo, uma vez que a produção não tinha escoamento. A esta situação também não terão sido estranhos os constrangimentos económicos por que passava a empresa, que culminaram em 1932 com a sua transformação na *Empresa Mineira do Lena*, autorizada que fora a renegociação das dívidas que aquela tinha com o Estado.

A constituição da EML implicava o seu comprometimento com metas que envolviam um investimento sensível de capital, que deveria ser aplicado no desenvolvimento da lavra do jazigo de Alcanadas e no reforço da capacidade de produção da termoelétrica, em marcha, desde 1933, implantada em Porto de Mós, a qual consumir as lignites desta mina. Todavia, só com as necessidades de energia e de combustíveis advindas da II Guerra Mundial, que forçaram uma nova corrida às minas por todo o país, se veio a intensifi-

car a produção. Esse foi, sublinhe-se, um tempo de novos investimentos em que se concluiu a ligação ferroviária das minas à Central elétrica, através da linha privativa da EML; em que se adquiriram novos equipamentos de lavra mecânica; e em que se construíram, ou renovaram os anexos mineiros, nomeadamente uma oficina de escolha, parcialmente mecanizada.

Por essa altura, a EML tinha ao serviço cerca de 380 trabalhadores, distribuídos entre as minas, o caminho-de-ferro e a Central de Porto de Mós. Em Alcanadas, principal polo de atividade, concentrava-se uma grande população de operários, vindos, muitos deles do Alqueidão da Serra ou de outras povoações circunvizinhas, por caminhos serranos percorridos dia após dia; outros tinham vindo do Alentejo ou do norte do país, alguns com as famílias. Se grande parte tinha habitação própria, outros, porém, habitavam “nas mais precárias condições de higiene e moral”⁴; enfim, uma população desenraizada e desprotegida que convinha fixar junto da mina, pelo que a Administração da empresa entendeu empreender a construção de um bairro operário, na sua ótica “indispensável não só do ponto de vista da centralização dos trabalhos mas também do ponto de vista social, porque a vida dos nossos operários é tão precária, que exige da nossa parte uma assistência, que deveres humanitários impõem e que estão em razão direta com o rendimento do trabalho da mão-de-obra na produção”⁵.

De qualquer forma, sublinhe-se, ao mesmo tempo que este anúncio se fazia, solicitava-se a comparticipação do Estado para esta construção.

O projeto para Alcanadas

Localização

Assim, decorrente do que se escreveu até agora, a localização do bairro mineiro de Alcanadas, em geral, é feita tendo em conta a necessidade de se situar perto do poço das Barrojeiras, principal sede de trabalho da mina e de o isolar das restantes aglomerações urbanas na área envolvente, como forma de controlo social dos próprios mineiros aí a instalar, longe de eventuais focos de “contaminação” e impedindo que ele próprio possa ser fonte de contaminação na contestação política ao regime.⁶ (MADEIRA RODRIGUES, 1979, p. 15)

⁴ Carta do Comissário do Governo na EML ao D.G. Minas, 23/2/1940. AHDGEG / LNEG.

⁵ Carta do Administrador Delegado da EML ao D.G. de Minas, 20/02/1941. AHDGEG / LNEG.

⁶ Lembremos que a intenção de construir o bairro é da década de 40, do séc. XX, em pleno auge do regime do Estado Novo.

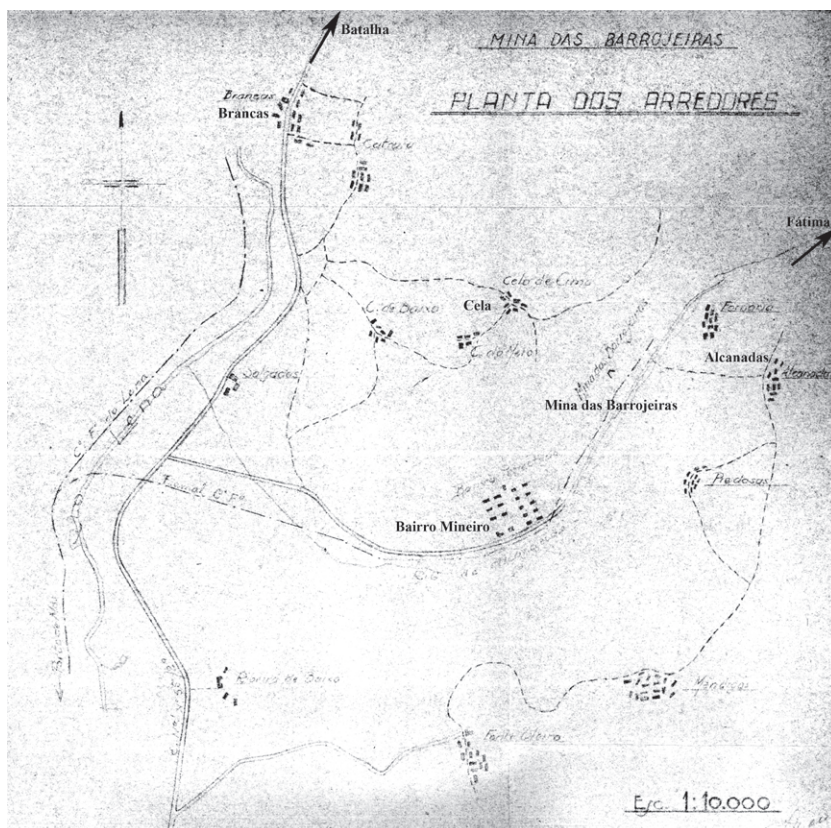


Figura 1. Localização do bairro projetado e respetiva implantação. Reprodução elaborada do original em Ozalid entregue pela EML à Direção Geral de Minas (1941).

Cortesia AHDGEG / LNEG.

Implantação

O terreno escolhido e, crê-se, efetivamente comprado para o efeito, apresenta, de acordo com os objetivos higienistas preconizados por Howard, uma pendente a sul, garante de boas condições de insolação, o mesmo é dizer ótimas condições de salubridade a todas as construções aí a edificar. Contudo, aliado ao isolamento territorial do bairro, a sua disposição urbanística, aparentemente destinada a “libertar” os seus habitantes dos constrangimentos e vícios da cidade, é um sistema pejado de elementos sub-repticiamente repressivos ou, no mínimo, condicionadores. Se não, vejamos:

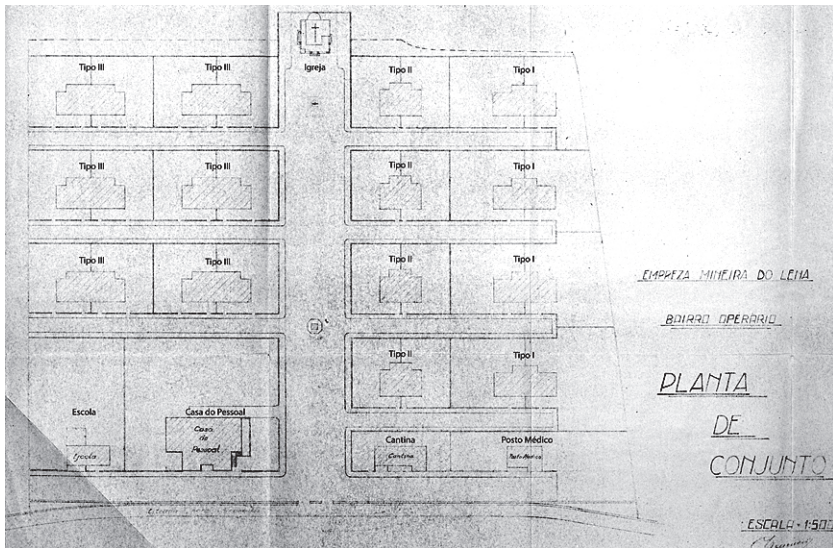


Figura 2. Implantação/Planta de conjunto (fonte: desenho da EML/LNEG, 1941 com elaboração de Gonçalves Matos).

O desenho da estrutura viária assenta numa malha ortogonal com um eixo sul-norte, que dirige as vistas de quem entra para a capela, e eixos secundários que lhe são perpendiculares. Esta estrutura viária retilínea rígida, permite, em caso de necessidade, um controlo policial ou militar por um número reduzido de elementos daquelas forças da ordem.

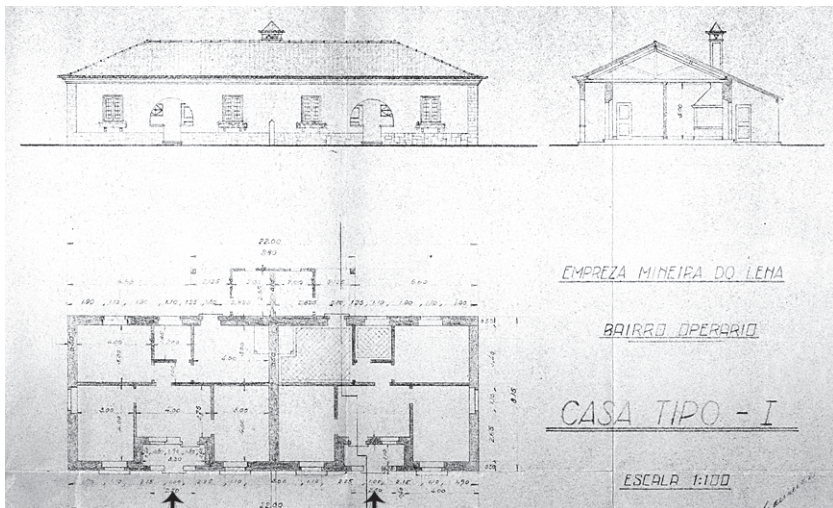


Figura 3. Bloco de "Casas-Tipo I" (fonte: desenho da EML/LNEG, com elaboração de Gonçalves Matos).

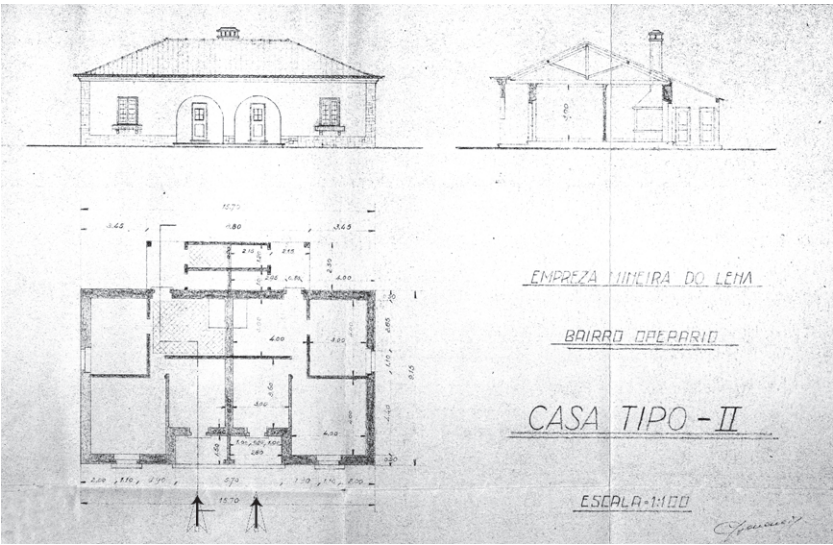


Figura 4. Bloco de “Casas-Tipo II” (fonte: desenho da EML/LNEG, com elaboração de Gonçalo Matos).

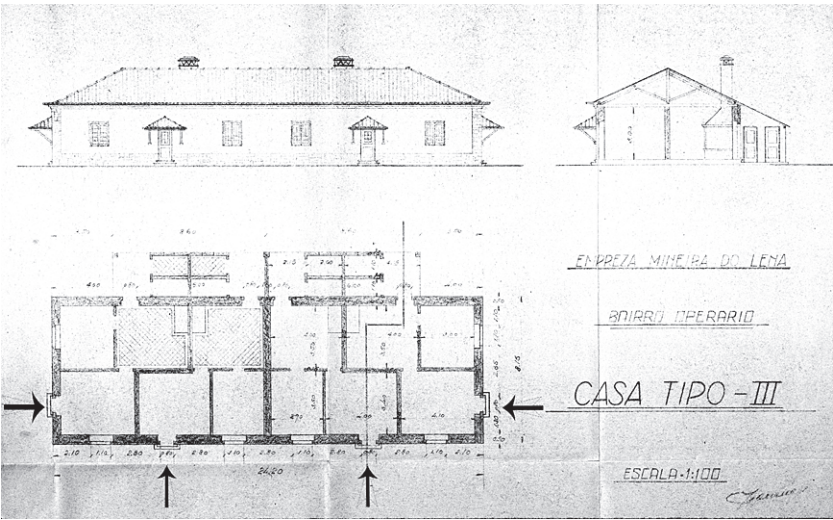


Figura 5. Bloco de “Casas-Tipo III” (fonte: desenho da EML/LNEG, com elaboração de Gonçalo Matos).

Ainda na estrutura viária é visível que nas ruas paralelas à estrada, se do lado direito aquelas terminam em “cul-de-sac”, ao lado esquerdo, não havendo *terminus*, pode pressupor-se a intenção, caso seja necessário, por qualquer motivo, de as prolongar não se fazendo para leste porque a mina se situa aí e seria expectável a descoberta de outras camadas de carvão que não convinha comprometer com edificação à superfície e prever, nesse caso, o aumento do número de trabalhadores a necessitarem de alojamento.

Os equipamentos previstos também obedecem a uma lógica espacial distributiva, *i.e.*, não são fruto do acaso, situando-se junto à estrada e à linha do caminho-de-ferro,⁷ facilitando o abastecimento e a rapidez no acesso, se necessário. Ainda num processo de racionalidade distributiva, os equipamentos de cariz social, a casa do pessoal e a escola, situam-se à esquerda e os de cariz sanitário e abastecimento – o posto médico e a cantina – à direita. A encimar o bairro, manifestando, simbolicamente, a autoridade moral, a capela⁸. Recorde-se, neste âmbito, o padre Manuel Vaz Leal, pároco das minas da Panasqueira:

(...) A Igreja viveu sempre de mãos dadas com o trabalho, e, em todos, assim reza a história, ela foi a mão poderosa e benemérita que libertou, dignificou e organizou o trabalho. Nunca uma boa economia poderá viver separada da moral (LEAL, 1945 p. 81).

Não só na localização dos equipamentos previstos como, também, na dos blocos habitacionais, a ordem, hierarquia e, eventualmente, o carácter repressivo ou, pelo menos, de menor miscigenação social, se manifestam, *i.e.*, “As distinções sociais provocam forte diferenças não baseadas em preconceitos étnicos ou familiares mas principalmente no grau de rendimentos auferidos” (MADEIRA RODRIGUES, 1979, p. 15). Ou seja, à direita as “casas-tipo I”⁹ alinham-se encosta acima, situadas no extremo dos “cul-de-sac”, longe do bulício que possa acontecer à esquerda e seu eventual prolongamento (do bairro); à esquerda alinham-se, as “casa-tipo III” e, como que a servir de tampão/almofada entre os extremos socioeconómicos, alinham-se as “casas-tipo II”.

⁷ A linha foi levantada no final dos anos 1940.

⁸ O terreno é uma pequena elevação, com cota mais baixa na estrada de acesso.

⁹ Como veremos adiante com mais pormenor, a tipologia das casas denota os estratos sociais a que se destinam.

As casas (a Arquitetura)

Não só na implantação das tipologias como, também, nas áreas atribuídas a cada fogo, suas composições espaciais e composição de fachadas se manifestam a hierarquia e importância social atribuídas a cada família prevista ali vir a habitar.¹⁰ “Na primeira década do século [XX], potenciase a casa unifamiliar como tipo frente á colectiva... O seu desenho segue aos das tipologias obreiras europeas do s. XIX, vivendas unifamiliares acaroradas ou pareadas, com horta ou pateo posterior...” (GARCÍA y SOMOZA, 2008, p. 18).

Se para todas as edificações previstas há um logradouro anterior, para ajardinar, e um logradouro posterior, destinado a horta,¹¹ complemento de subsistência para os magros salários e para preenchimento dos períodos livres, evitando-se os momentos de lazer perigosamente ocupáveis por “vícios moralmente reprováveis”, os edifícios não são iguais nas áreas brutas, nem no número e distribuição de funções interiores.

Na “casa-tipo I” (vd. fig. 3) ressalta imediatamente a inclusão no perímetro interior (área útil) da instalação sanitária com dimensões permitindo, no mesmo espaço, a existência de banheira e restantes peças, assim como um “hall” de entrada, de dimensões generosas. Estas casas, se adotarmos a nomenclatura da época, têm quatro assoalhadas, as instalações sanitárias já referidas e uma cozinha, também de dimensões generosas. Já na “casa-tipo II” (vd. fig. 4), de três assoalhadas, a instalação sanitária é deslocada para o exterior (na verdade dois compartimentos de dimensões diminutas, que não permitem a existência de banheira em qualquer deles, banindo a possibilidade de “promiscuidades moralmente condenáveis”) e a cozinha tem dimensões iguais à cozinha anterior. Por fim, a “casa-tipo III” (vd. fig. 5) mantém as instalações sanitárias no exterior e as dimensões da cozinha são ligeiramente maiores que as da “casa-tipo II”, mas, cada fogo, tem apenas duas assoalhadas, destinando-se o bloco a quatro famílias.

A composição das fachadas é outro indicador do estrato social a que se destinam as diferentes “casas-tipo”.

No tipo I, há um claro afastamento das entradas para que a leitura seja feita como se de moradias isoladas se tratassem, assim como é previsto um alpen-

¹⁰ As casas destinavam-se aos operários mais qualificados, além claro, dos capatazes, designadamente roceiros, entivadores, maquinistas... deixando de fora os operários adventícios, pagos à tarefa ou à jorna, que não valia a pena fixar.

¹¹ Se bem que na “casa-tipo III” não haja separação de logradouros para habitações a um mesmo lado do bloco.

dre recolhido, com proteção anterior por murete, este protegendo a entrada de intempéries e “enobrecendo-lhe” a composição geral. No tipo II as entradas “geminam-se” e, embora também de alpendres recolhidos, é-lhes retirado o murete protetor, “banalizando-lhes” o estatuto social. No tipo III a proteção das entradas é feita apenas por um alpendre/cobertura em consola da parede e, porque se trata de quatro fogos, há dois deles cuja entrada é lateral, retirando ao conjunto o carácter formal de entrada principal “nobre” e com pompa.

É, no entanto, de justiça para com a EML, que se refira a sua intenção de que as edificações a levar a efeito neste bairro, que se poderia constituir como modélico¹², seriam construídas em alvenaria de pedra (0,50 m de espessura), cobertura em telha cerâmica, forro em tetos¹³ e preocupações estéticas fora do comum em edificações deste tipo, nomeadamente com a adição de socos e pilastras aparentes nos cunhais forrados a pedra, como é patente nos alçados das “casa-tipo”, que resultaram na estimativa global prevista para o bairro de 553600\$00¹⁴, quantia que, para a época, não era dispicienda embora se tratasse de construções de baixo custo, a entregar posteriormente aos seus moradores.

Perante o exposto, cremos que se impõe a pergunta: o projetado Bairro Mineiro de Alcanadas era, apenas, uma atitude filantrópica e ingénua da Empresa Mineira do Lena ou, pelo contrário, era uma necessidade, mesmo com a estratificação social espelhada no próprio bairro, de impedir ou conter

QUADRO I – Afetação de áreas e características dos fogos

	N.º de blocos habitacionais	N.º de fogos por bloco	N.º de fogos total por tipos	Área bruta do bloco	Alpendre recolhido	N.º de assoalhadas	Inst. sanitárias no interior	Área bruta/fogo
“Casa-tipo I”	4	2	8	210 m ²	S	4	S	105,00 m ²
“Casa-tipo II”	4	2	8	167 m ²	S	3	N	83,50 m ²
“Casa-tipo III”	6	4	24	239 m ²	N	2	N	59,75 m ²

Fonte: EML. *Memória descritiva*, 1941.

¹² A referência ao possível carácter modélico do bairro justifica-se se recordarmos que contrastaria com os que a mesma empresa – EML – havia feito na Bezerra (alvenaria de pedra seca, i.e., assente sem argamassa a preencher as juntas, e revestida a argamassa interiormente) e na Cabeça Veada (paredes em madeira e cobertura em telha-vã).

¹³ O material e espessura das paredes e a previsão de forro em tetos são garante de maior conforto térmico das habitações, situação que não era comum em casas para as classes trabalhadoras.

¹⁴ Dados retirados da Memória Descritiva do projeto: 40000\$00 para a compra do terreno, 40000\$00 para infraestruturas urbanas e 473600\$00 para a construção dos edifícios.

quaisquer atitudes coletivas de contestação laboral e/ou da ordem político-social vigente, por parte do operariado?

QUADRO II – Áreas úteis dos compartimentos dos fogos (em metros quadrados)

	Alpendre anterior	Alpendre posterior	Casa de entrada	Cozinha	Quarto 1	Quarto 2	Quarto 3	Instalação sanitária 1	Instalação sanitária 2	Arrecadação exterior	N.º de habitantes estimado por fogo, à luz dos padrões actuais, em função do n.º de quartos
"Casa-tipo I"	2,48	5,3	11	12	12	12	12	5,55	-	4,7	6
"Casa-tipo II"	4,2	4,95	10,8	12	16	12	-	2,15	2,58	-	4
"Casa-tipo III"	-	-	-	14	13,6	10,5	-	2,2	2,2	-	4

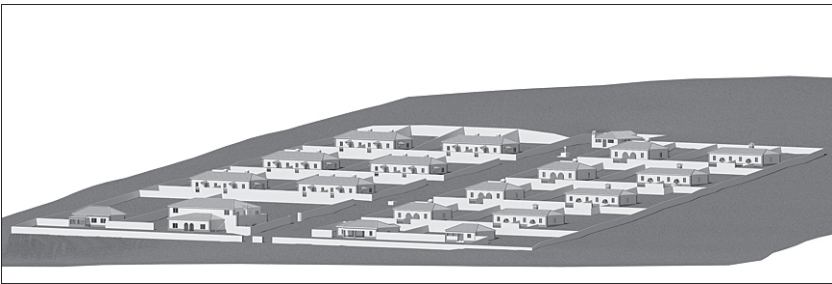


Figura 6. Modelo 3D do bairro mineiro, baseado nos itens da Memória Descritiva de março de 1941. Para além dos equipamentos coletivos, o bairro previa a construção de 40 habitações de tipologias diferentes: 4 casas-tipo I (8 habitações) para empregados ou capatazes c/ muita família, 4 casas-tipo II (8 habitações) para empregados ou capatazes c/ pouca família ou operários com mais de 4 filhos e 6 casas-tipo III (24 habitações) para operários casados e 2 filhos. Todas as casas teriam redes de abastecimento de água, de drenagem de esgotos domésticos e de instalação eléctrica, cujos custos seriam suportados pela empresa. Elaboração de Gonçalves Matos.

Nota final

Na sua vertente da coisa material, a historiografia mineira não pode confiar-se à evolução das técnicas e das tecnologias envolvidas na prospeção, exploração e processamento dos minérios, mas alargar-se igualmente aos campos da economia política, da sociologia e da arquitetura, entre outros. Parte da informação necessária ao trabalho nestes domínios, para além da recolha de campo, decorre da consulta dos arquivos que não deixam de surpreender quando neles se procuram os testemunhos das estratégias empresariais e das apostas sociais, prenhes de intencionalidades de vária ordem. É disto que trata o caso exemplar em apreço, alinhado com o ideário higienista e paternalista esboçado

desde finais do século XIX, de melhorar as condições de vida dos operários, maximizando os espaços disponíveis, sem beliscar, porém, a estratificação decorrente da ordem das hierarquias e categorias profissionais.

Pela sua tipologia, implantação e arquitetura, os bairros operários, são uma peça inalienável do património industrial mineiro, mesmo quando, por uma ou outra razão, não passaram das mãos dos projetistas e das intenções de administradores, de verdadeiras *quimeras filantrópicas*.

Fontes e bibliografia

- Processos Mineiros. Arquivo Histórico-Mineiro do Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG), consultado em janeiro de 2016.
- BRANDÃO, José M. “ Minas de Alcanadas (Batalha): prelúdio, fuga, final, in José M. Brandão & M Fátima Nunes (eds.), *Memórias do carvão*, p. 331-357. Câmara Municipal da Batalha e Câmara Municipal de Porto de Mós, 2015a.
- BRANDÃO, José M. “ Caminho de Ferro Mineiro do Lena: viagem interrompida, in José M. Brandão & M Fátima Nunes (eds.), *Memórias do carvão*, p. 109-132. Câmara Municipal da Batalha e Câmara Municipal de Porto de Mós, 2015b.
- BRANDÃO, José M. e SOUSA, Fernanda R. “ Carvão da Bezerra (Porto de Mós): “apropriado na condução do fôgo nas locomotivas”, in José M. Brandão e M. Fátima Nunes (eds.), *Memórias do carvão*, p. 195-214. Câmara Municipal da Batalha e Câmara Municipal de Porto de Mós, 2015.
- CASTRILLO ROMÓN, M.^a “ *Reformismo, vivienda y ciudad en España: orígenes y desarrollo de un debate (1850-1920)*. Valladolid. Tesis Doctoral policopiada apresentada à Universidad de Valladolid, 1997.
- CHOAY, Françoise “ *L’Urbanisme: utopies et réalités*, Paris: Éditions du Seuil, 1965.
- GARCÍA, Toni y SOMOZA, Yolanda “ *Vivienda Colectiva, Vivienda Protexida*, Editions-Exptaneas.com, A Coruña. 2008.
- GRAVAGNUOLO, Benedetto “ *Historia del Urbanismo en Europa: 1750-1960*. Madrid: Ediciones Akal, 1998.
- LEAL, Manuel V. “ *As minas da Panasqueira: vida e história*. Lisboa: Portugália Editora, 1945.
- LINO, Raul “ *Casas Portuguesas – Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples*, Lisboa: Herdeiros de Raul Lino e Edições Cotovia, 1992, ed. Original 1933.
- MADEIRA RODRIGUES, M^a João – *Tradição, transição e mudança: a produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista*. Lisboa, in Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 84, 1979.
- MATOS, José Baptista de – *História, Cultura e Tradições das Alcanadas*. Batalha, in Câmara Municipal da Batalha (Arquivo Histórico Municipal), 2005.
- VIEIRA, Alexandra “ Minas de carvão de S. Pedro da Cova, (Gondomar, Porto), breves apontamentos, in *Almadán*, 15, pp. 143-148, 2007.